



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,  
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal La Prensa Gráfica, de El Salvador**

**Entrevista publicada em 29 de maio de 2008**

**Jornalista:** O Tratado de Livre Comércio entre a América Central e o Mercosul está adormecido há mais de uma década. O senhor vê possibilidade de concretizá-lo agora? O que mudou?

**Presidente:** As negociações de um TLC entre a América Central e o Mercosul têm sido um desafio do Brasil e dos nossos sócios há algum tempo. A diferença agora é que a nossa relação com os países centro-americanos, inclusive El Salvador, passa por um período de dinamismo sem precedentes em termos de comércio, investimentos e cooperação. Temos promovido um verdadeiro reencontro com a região centro-americana. Queremos aproveitar este momento para impulsionar as negociações. O comércio do Brasil com os países do Sica cresceu 280% no período de janeiro de 2003 a dezembro de 2007. Houve um salto de US\$ 594,7 milhões para US\$ 1,7 bilhão no fluxo de comércio com os países da região. Mas uma relação comercial muito favorável ao Brasil não é interessante, nem sustentável. E essa é uma das razões para a realização desta reunião: gerar novas oportunidades por meio das quais todos ganhem.

**Jornalista:** Que benefícios pode obter a região centro-americana em um eventual acordo com o Mercosul, dadas as suas assimetrias com países como Argentina, Brasil e Uruguai?

**Presidente:** As possibilidades de negócios entre o Mercosul e a América Central são numerosas. No entanto, ainda que não tenhamos um acordo, o



comércio e os investimentos entre os dois blocos têm expandido significativamente nos últimos anos. Vamos trazer mais prosperidade para a nossa região, e queremos fazê-lo sempre tendo em conta as assimetrias entre as economias de ambos os blocos, como já fazemos dentro do Mercosul.

**Jornalista:** O senhor disse que a América Central “tem tido torcicolo” de tanto olhar para o Norte. A proposta de tratado pode ser entendida como uma questão de hegemônias econômicas?

**Presidente:** Eu nunca fiz essa declaração. O que disse recentemente o presidente Colom da Guatemala, quando esteve em Brasília, é que “num passado recente, meu próprio país olhava demasiadamente para o norte, especialmente para os EUA, e não dava atenção suficiente a outros países, como os da América Latina”. Isso mudou em meu governo. Temos redefinido nossas prioridades. Quando venho visitar a região centro-americana, meus colegas afirmam que é a primeira vez que um presidente do Brasil vem a seus países. Isso também vale para El Salvador. Quanto à proposta do tratado, não tem nada a ver com hegemonia econômica. Nós pensamos em termos de somar forças, e não em termos de liderança. A integração de nossas regiões tem que resultar em vantagens para todos os países envolvidos.

**Jornalista:** A ministra das Relações Exteriores salvadorenha disse que El Salvador está interessado em incentivar o programa Fome Zero, que é desenvolvido pelo governo do Brasil. O senhor conhece o programa que é desenvolvido pelo governo salvadorenho chamado Rede Solidária? Qual é a sua opinião sobre ele?

**Presidente:** Queremos intensificar nossa cooperação com El Salvador no campo da transferência de renda e erradicação da pobreza. Nossa expectativa



é de que uma delegação responsável pela Rede Solidária venha ao Brasil para conhecer nosso programa Bolsa Família, assim como outros programas de estímulo à agricultura familiar. Vamos trocar experiências, queremos aprender com vocês. E talvez possamos também ensinar um pouco.

**Jornalista:** Na sua opinião, avança por bom caminho a atenção à pobreza dada pelo governo de El Salvador? E na América Latina, de uma maneira geral?

**Presidente:** Não tenho dúvidas. El Salvador está profundamente empenhado na luta contra a pobreza e as desigualdades sociais. É uma tendência que se pode observar em toda a região. Nós, latino-americanos, temos dado passos irreversíveis para promover a inclusão social, temos avançado decididamente em direção à construção de sociedades mais justas, em que cada um de nossos cidadãos tem seus direitos fundamentais garantidos e esperança em uma vida melhor e mais digna.

**Jornalista:** El Salvador tem um governo de direita, mas copia os planos, como este, de um de esquerda. O vice-presidente da Guatemala, Rafael Espada, disse recentemente que o presidente Saca estava se movendo para a centro-esquerda. O senhor concorda? A que atribui?

**Presidente:** Como Presidente do Brasil, não tenho o direito de comentar temas de natureza interna de outros países. Porém, sei que El Salvador já iniciou um longo processo que culminará com as eleições de março de 2009.

**Jornalista:** O senhor é um exemplo das mudanças de rumo ocorridas em alguns governos, especialmente de esquerda, denominados “moderados”. O



senhor acha que o caminho ideal é a moderação diante do estigma da esquerda radical?

**Presidente:** Eu não creio que essas qualificações de diferentes tipos de esquerda ajudem a região. Não passam de qualificações simplificadoras da realidade. Prefiro pensar que todos os nossos países têm em comum os esforços para melhorar as condições de vida da população, para reduzir a pobreza e a desigualdade. O mais importante de chegar ao governo é melhorar a vida dos governados, em particular dos mais pobres e necessitados.

**Jornalista:** O candidato presidencial do FMLN, Mauricio Funes, se esforça para aparecer junto com o senhor. A que o senhor atribui o fato de Funes tê-lo como uma referência regional mais visível?

**Presidente:** Desde o meu primeiro mandato tenho recebido vários candidatos às eleições presidenciais que me tenham solicitado audiência. Na América do Sul, essas práticas são comuns e eu creio que é fundamental escutar o pensamento dos líderes da região.

**Jornalista:** A região está sob impacto das revelações dos documentos de Raul Reys. Como se deve enfrentar essa situação? O senhor teme, no futuro, um enfrentamento maior entre Colômbia, Equador e Venezuela?

**Presidente:** Creio que as dificuldades entre países da região se resolvem com o diálogo. Faz poucos dias, assinamos o Tratado da Unasul justamente para fortalecer os canais de diálogo. Naquela ocasião, o Brasil também apresentou sua proposta de um Conselho Sul-Americano de Defesa que teria, entre outros propósitos, prevenir e ajudar a resolver situações como a atual.



**Jornalista:** Qual é a postura que deve tomar a esquerda latino-americana em sua relação com as Farc? As Farc são um grupo terrorista?

**Presidente:** No que diz respeito às Farc, existem três esclarecimentos a fazer. O primeiro é que o Brasil não é uma agência de certificação para definir quem é terrorista e quem não é. Essa é uma função das organizações internacionais competentes em relação à matéria. O segundo é que repudiamos veementemente os métodos utilizados e os crimes praticados pelas Farc. O terceiro é que eu não posso falar pela esquerda latino-americana.

**Jornalista:** A esquerda moderada deve, em sua opinião, separar-se de grupos como as Farc e de governos como o da Venezuela?

**Presidente:** Não compartilho de seus comentários sobre a Venezuela. Temos excelentes relações com esse país amigo e eu tenho excelentes relações com o presidente Chávez. O que estamos buscando é aprofundar ainda mais nossas relações e não nos afastarmos da Venezuela.

**Jornalista:** O senhor aprova que o presidente Chávez enfrente constantemente os EUA e alguns governos europeus?

**Presidente:** Não creio que me cabe comentar as relações do presidente Chávez com outros países.

**Jornalista:** A América do Sul segue por um rumo correto?

**Presidente:** A América do Sul e a América Latina como um todo, são regiões de paz, onde a democracia se consolida e onde todos os países buscam superar uma pesada herança de pobreza e desigualdade. Estou convencido de



que estamos na direção correta se mantivermos essas características e prioridades. Nos últimos dias, a América do Sul deu passos decisivos rumo à integração, com a assinatura do Tratado Constitutivo da Unasul. Agora temos os meios institucionais para realizar nossos desafios. Nesta primeira etapa, nossas prioridades estão na integração energética e de infra-estrutura, na criação de mecanismos financeiros inovadores e na cooperação em educação e em políticas sociais.

(\$31DHKM)